DOSSIÊ

FEMINISMOS: UM ESTUDO SOBRE NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS DO FEMININO E AS REDES SOCIAIS

FEMINISMS: A STUDY ABOUT CONTEMPORARY NARRATIVES OF THE FEMININE AND THE SOCIAL NETWORK

Paula Gorini Oliveira[98]

Submissão: 30/08/2016 Revisão: 31/08/2016 Aceite: 06/09/2016

Resumo: Este artigo é sobre as narrativas contemporâneas do feminismo. Inspirado na abordagem da Teoria Ator-Rede e no método da cartografia, com objetivo de mapear produções de subjetividade a partir de uma observação participante. Discute a influência das redes sociais na produção de afetos e na disputa de narrativas, e o conceito de "produção de presença", de Gumbrecht, no debate sobre o corpo e sua virtualidade. O trabalho não busca resultados, mas o cruzamento de dados e levantamento de questões.

Palavras chave: Feminismo. Comunicação. Redes Sociais. Produção de afeto.

Abstract: The present paper is about contemporary narratives of feminism. Inspired on the Actor-Network Theory and in the method of cartography, it aims to map the production of subjectivity from the perspective of a participant observation. It debates the production of affections and the dispute narratives at social networks, as well as the concept of "presence production", from Gumbrecht, in the debate between the body and its virtuality. This work is not concerned about the results, but with crossing data and raising of questions.

Keywords: Feminism. Communication. Social Network. Production of affections.

[98] Doutoranda da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e Mestre pelo mesmo programa, na linha de pesquisa de Novas Tecnologias de Comunicação e Cultura. Contato: paulagorini@gmail.com.

Introdução

Este trabalho surge de forma bastante singular em minha trajetória como pesquisadora, e acaba por demonstrar o quanto que alguns conceitos e temas aqui utilizados estão ainda em depuração, na relação que se estabelece entre investigador e objeto investigado[99]. Com uma premissa de que essas posições são móveis e a distribuição de ênfase, simétrica, me permito utilizar recursos, inclusive do texto em primeira pessoa, para tentar dar conta do desafio que é escrever sobre algo que está em plena ebulição, dentro de mim, mas também no mundo. Esta temática que escolhi chamar aqui de *feminismos*.

O presente trabalho apresenta-se em tom ensaístico, assumindo-se preliminar, com levantamento de questões e cruzamento de ideias. Ousa-se em formato descritivo, ao apresentar elementos que mostraram-se relevantes durante o processo de aproximação com o objeto. Procura problematizar os contextos que se redesenham em frente às chamadas novas tecnologias de comunicação; à cultura de produção e divulgação de conteúdo na internet; às relações atravessadas pelas redes sociais.

Para isso, utiliza-se como metodologia, inspirado na abordagem da cartografia,[100] um exercício de mapear o fenômeno dos chamados feminismos, a partir de uma observação participante. Descrever as nuances, afetos, atos, imagens, e outros materiais que por ventura surgirem, como forma de narrativa do objeto que se pretende problematizar.

Importante observar que este artigo é parte de uma pesquisa maior, que se insere no contexto do doutorado em andamento. O objeto aqui apresentado não é o mesmo da tese, mas se inscreve numa discussão em que a problemática

[99] A relação é de agenciamento mútuo entre sujeito e objeto, entre pesquisa e pesquisador, e não no tradicional distanciamento do observador da produção científica.

[100] A cartografia como proposta metodológica utilizada neste artigo se inspira no livro "Pistas do Método da Cartografia...", organizado por Passos, Kastrup e Escossia, fruto da investigação do grupo de pesquisa de psicologia social da UFF. Os autores defendem que a *cartografia* é uma formulação metodológica adequada à investigação de processos de pesquisa de campo, para fenômenos que se encontram em processo, ainda não estão finalizados.

também se anuncia. Os feminismos parecem apresentar muitas das características que delineiam nosso momento contemporâneo, ou pós-moderno, como alguns autores preferem chamar. São discursos híbridos, que permitem serem afetados por diferentes experiências, que não pertencem a um saber específico, que misturam estética e política, social e pessoal, indivíduo e grupo.

Mistura psicologia e biologia (as contínuas discussões sobre gênero com base em aspectos biológicos, de identidade, ou de socialização); é um pouco rede de apoio mútuo, (grupos para troca de experiências, como os de gravidez e de maternidade); mistura a mitologia sobre as forças femininas da natureza, (em alguns grupos fala-se abertamente sobre a Deusa); é grupo de apoio profissional entre mulheres, (como a página de facebook "indique uma mina"[101]); percorre questões identitárias, abrangendo questões raciais, sociais e culturais; tem um tanto de saúde, (legalização do aborto como forma de cuidar da saúde e vida de mulheres, principalmente pobres); de liberdade sexual, (como o exercício e prática de *empoderamento* do corpo da mulher, "meu corpo minhas regras")... E mais uma pitada de uma série de recursos e conceitos que desenham esse mapa em que os feminismos são narrados, circulam e ganham força.

Foi na observação dessa multiplicidade de narrativas que os feminismos ganharam contornos para mim, mas foi nas controvérsias observadas em embates ideológicos na rede social do facebook que a problemática se concretizou. Assustou-me, por exemplo, a violência com que esses embates são produzidos e compartilhados. Assustou-me perceber que essa violência é incentivada ou potencializada pelos modos de funcionamento do próprio ambiente tecnológico da rede social. E, partindo de um impulso sensorial, produzido na experiência do ambiente tecnológico da rede do facebook com o

[101] Página de facebook recentemente criada (2016) como "grupo colaborativo para inserção de mulheres no mercado". Possui hoje mais de 63 mil membros de todo Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/517916125083086/>

meu corpo, comecei a pesquisar, tentar entender, acompanhar, ler e ouvir, participar.

Procurei, como numa busca apaixonada, física e mental, me aproximar da controvérsia. Porque observava que era ela o ponto inquietante desse rede. Não o feminismo como movimento social, político e filosófico; não a militância ativista que cresce nas ruas e na internet; mas a incoerência entre práticas, debates e ações. Porque a luta por direitos civis iguais entre mulheres e homens, bem como a luta por novas representações sociais para as mulheres, entre outras coisas, não parecem dar conta de resolver a diferença entre as feministas que assumem diferentes perspectivas. E, principalmente, não parecem dar conta de conter a violência e os discursos de ódio que surgem junto com essa diferença.

Recentemente me encontrei com uma leitura que expressa bastante do que pretendo elaborar nesse trabalho, tanto no que diz respeito à escrita, quanto à aproximação que faço sobre a temática que escolhi me defrontar. Cíntia Guedes Braga, em artigo publicado na revista "Lugar Comum" (2016), sobre o tema "Resistências Feministas", logo na introdução de seu trabalho, assim justifica sua escrita:

> Não estou falando de nenhum problema teórico. Falo antes da vida, da minha vida dita particular, tentando explorar os atravessamentos teóricos que, nos sustos que o presente me dá, fazem-me retornar as histórias de meu passado por caminhos distintos dos que havia realizado até então (Braga, 2016, p. 6).

Inspirada em minhas próprias memórias, procuro dar voz a narrativas acerca do feminino que são produzidas, potencializadas, ou influenciadas por experiências tecnológicas da rede virtual. Procuro também acompanhar a problemática evidenciada por essa rede de relações entre tecnologia e ativismo político, com base em minha própria experiência de aproximação do objeto, de memória gravada na mente e no corpo.

Consciente que é a partir das elaborações que são mediadas pelas minhas sinapses cerebrais, em comunhão com a mediação feita dos meus dedos com o

teclado do computador, que o texto é gestionado, coloco-me à prova do exercício de deixar o objeto falar. Exercício este que apenas pode ser perseguido por se tratar de fenômenos em que objeto e sujeito se encontram imbricados. Com base nos estudos de Bruno Latour, não há como encher o vazio, há de se seguir os rastros que o objeto deixa na rede, e tentar descrevê-los, sem interpretá-los (Latour, 2008).

Para aproximar a ideia de que as tecnologias, e os meios que as acompanham, estão diretamente relacionadas com a produção de sentido na sociedade em que as mesmas se inserem, a pesquisa revisitará os estudos de McLuhan, "Os meios de comunicação como extensão do homem" (1964). Bem como, com base na obra de Gumbrecht, "Produção de Presença" (2004), pretende-se abordar a problemática que se inscreve na relação (de presença) do corpo com a materialidade e a virtualidade.

Como forma de acessar esse mapa em que os feminismos se constroem, optei por utilizar como *input*, (entrada na rede), o evento promovido pelo grupo feminista "Marcha das Vadias", chamado "Turismo Sexual e Olimpíadas: Quebrando Tabus"[102]. Para essa aproximação, outros elementos serão incluídos: um exercício de descrição etnográfica, inspirada na Teoria Ator-Rede (TAR), sobre a produção de narrativas sobre o feminino, com base na leitura dos comentários na página do evento; a minha participação como observadora participante no debate promovido; a minha participação como também produtora de narrativa, ator-rede, devir-vadia, na marcha das vadias, no dia 2 de julho de 2016.

A Marcha das Vadias e a disputa de narrativas do feminino

A Marcha surgiu como um fenômeno internacional, iniciado no ambiente universitário, no Canadá. Em 2011, na Universidade de Toronto, após

[102] O evento aconteceu (fisicamente) no dia 16 de junho de 2016, na Casa Nem, Lapa, Rio de Janeiro.

alguns casos de abusos sexuais serem relatados, a polícia local afirmou que as mulheres não deveriam se vestir como "vadias" para não serem abusadas[103]. Surge aí um movimento que levou, e ainda leva, milhares de mulheres à rua, lutando pela liberdade individual e pela não "culpabilização" da vítima em casos de estupro, abuso e violência sexual.

No Brasil, o movimento ganhou força e representações regionais, e passou a ser ator importante das pautas de reivindicações feministas. Se ampliou, mantendo o slogan de "meu corpo minhas regras" como mote principal, mas englobando não apenas narrativas sobre abusos sexuais. A pauta sobre a legalização do aborto, por exemplo, tem sido recorrentemente defendida pela Marcha, principalmente diante do embate político-religioso em que o aborto está sendo tratado no Brasil. No Rio de Janeiro, a marcha também se organiza com frequência, mobilizando anualmente mulheres a tomarem a Avenida Atlântica, em Copacabana. Muitas sem camisa, com *sutiens* de renda, shorts curtos, ou vestidos provocativos, e algumas até com os seios descobertos, com corpo pintado e muita purpurina... vão à rua para defender a ideia de que "ser vadia" não é consentimento para estupro. O grupo carioca possui uma página no facebook, com mais de 15 mil curtidas.

Utiliza-se a ideia de *input* e *output* no senso comum, como dispositivos de acesso a esse mapa móvel em que os feminismos são produzidos. Que incluem não apenas os discursos, mas também a relação entre estes discursos e os diversos materiais, físicos e simbólicos, que com eles se organizam, em arranjos híbridos de humanos e não-humanos.

O evento do dia 16 de junho de 2016, trouxe uma questão bem específica e polêmica, a regulamentação da prostituição, um tema que divide feministas, e que por isso me interessa como ponto de contato com o universo temático dos feminismos. A pauta do debate tinha por base o Projeto de Lei Gabriela Leite.

[103] Informações retiradas da Wikipédia.
Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcha_das_Vadias>

Gabriela, a mulher que inspira o texto da Lei, foi prostituta e ativista e lutava pelos direitos dos profissionais do sexo. Organizou sindicatos e encontros setoriais por todo território brasileiro e defendia os direitos das prostitutas como profissionais autônomas, contra os abusos, violências e estigmas sofridos pelas mesmas. Em 1990, fundou a ONG Davida e em 2005 fundou a grife Daspu, com objetivo de tornar o ativismo das prostitutas sustentável[104].

O evento trazia à mesa 3 profissionais do sexo: Monique Prada, ativista, blogueira e presidente da CUTS (Central Única de Trabalhadoras e Trabalhadores Sexuais); Amara Moira, ativista, travesti e doutoranda em teoria literária (USP); Indianara Siqueira, ativista, líder do movimento Transrevolução e da Casa Nem. Ao lado das prostitutas ativistas, estavam mais duas mulheres: Laura Murray, documentarista (dirigiu "Um beijo para Gabriela", ativista já mencionada acima), pesquisadora do Observatório da Prostituição (UFRJ) e ativista; e Larissa Lacerda, militante do Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas no Rio e ativista[105].

Através do contato com uma nota de repúdio ao evento no facebook, começo a me dar conta da controvérsia que divide narrativas feministas em posições antagônicas. Um texto publicado em um blog de representantes do chamado feminismo radical, ou radfem, afirma que a Marcha "é parte de um lobby pró-exploração e turismo sexual". Em seguida, aponta para o fato de que duas mulheres haviam sido *desconvidadas* para a mesa, por defenderem um ponto de vista contrário ao do evento.

[104] Informações retiradas do website do filme "Um beijo para Gabriela", que acompanha, em 2010, a candidatura de Gabriela à deputada federal do Rio, pelo Partido Verde. O site possui textos biográficos, imagens, trechos de entrevista com Gabriela e um documento em PDF chamado "Guia de Discussão", que além de informações biográficas, possui também informações sobre o ativismo de prostitutas no Brasil e no mundo. Disponível em:
< http://umbeijoparagabriela.com/130328_guiaPT_dvd_miolo_web.pdf>

[105] As informações aqui apresentadas, tanto sobre o evento, quanto sobre os embates ideológicos por este suscitado, foram retirados de páginas do facebook e internet, listados posteriormente no item "referências". A narrativa aqui apresentada se vale da observação participante, como já justificado na introdução.

Também na fala de Heloisa Melino, uma das organizadoras da Marcha no Rio e advogada, é apresentado este episódio do "desconvite", logo na abertura do debate. Ela afirma que faz isso para proteger as convidadas do evento.

As feministas radicais se posicionaram contra o debate, uma vez que consideram a regulamentação não favorável à pauta do feminismo. Em contato com as narrativas das radfem, observa-se que o argumento principal é que a prostituição é fruto do patriarcado, fruto de lógicas de exploração e opressão contra a mulher, que precisam ser combatidas. Abordam a prostituição como exploração sexual e são a favor da abolição da prostituição, como forma de romper também com a exploração de crianças e adolescentes.

A Marcha defende, assim como as palestrantes convidadas, a regulamentação da prostituição, para combater uma cultura que estigmatiza a mulher profissional do sexo e a coloca em risco. Em contato com estas narrativas, pode-se observar que este posicionamento aborda a prostituição de forma profissional, e que por isso necessita de regulamentação. Elas defendem que a regulamentação protege a profissional do sexo da exploração e da violência, além de garantir os direitos trabalhistas. Elas também são contra e buscam romper com a exploração sexual de adolescentes e crianças.

Mas há um detalhe a mais, nas entrelinhas da controvérsia: as feministas radicais defendem que *mulheres* são as pessoas que nasceram com corpo biológico feminino, e assim, foram socializadas como mulheres, sofrendo a opressão contra sua condição feminina desde a infância. As transfeministas, entre elas as organizadoras da Marcha e as palestrantes convidadas, defendem que *mulher* é aquela que se identifica com o gênero feminino, independente do corpo biológico em que nasceu. Para elas, as mulheres trans passam por outro tipo de opressão desde a infância.

Através da aproximação destas narrativas, pode-se observar que o contexto em que os feminismos se constroem é múltiplo e complexo. No

entanto, o embate ideológico no facebook parece anunciar uma disputa de territórios discursivos que tende a uma polarização bipartidária: feministas radicais *versus* transfeministas. Foram horas inteiras, e uma enxaqueca, que me custou a aproximação com os comentários disponíveis no evento. Fazendo a ressalva que há muitas nuances entre um pólo e outro, o exercício etnográfico dos comentários, (tentar descrever as discussões), se revelou pouco produtivo. No entanto, restou uma intensidade, a sensorialidade vivida no meu corpo, experimentada na leitura destes comentários, na experiência sentida da raiva, dos discursos de ódio, dos embates identitários.

É possível então identificar dois novos atores que se incluem nessa rede e ganham visibilidade. O primeiro diz respeito ao próprio facebook, rede social que serve muitas vezes como verdadeira arena onde as disputas de narrativas acontecem. E o segundo, mas não secundário, é o corpo. O corpo que aqui ganha dimensões múltiplas: corpo-simbólico, corpo-físico, corpo-virtual, corpo-biológico, corpo-identidade, corpo-narrativa, corpo-sujeito, corpo-objeto... É sobre as redes sociais e o corpo que tratarei nos próximos itens.

Facebook, uma rede para tensionar

No mundo em que vivemos hoje é impossível, ou pouco provável, pensar nosso cotidiano desligado das influências que as redes sociais nos trazem. Já ultrapassamos as questões relativas aos limites entre on e offline, já *naturalizamos* uma condição constantemente conectada, mesmo quando não estamos fisicamente ligados aos dispositivos tecnológicos que mediam nossa conexão com a internet.

Não nos é estranho, dessa forma, pensar que esse envolvimento tão íntimo com as redes sociais revelem mais sobre nossa produção de conhecimento hoje, sobre como também somos atravessados por estas tecnologias e nos refletimos nelas e a partir delas. Em 1964, antes mesmo do advento das chamadas tecnologias digitais, o autor Marshall McLuhan já

teorizava sobre a influência das tecnologias em nossa configuração humana e social. Autor de um pensamento bastante ousado para o seu tempo, como a ideia das tecnologias como continuidades (próteses) do ser humano, McLuhan afirma que: "Todos os meios são metáforas ativas em seu poder de traduzir a experiência em novas formas" (Mcluhan, 1964, p.76).

No que tange ao objeto aqui proposto, um aspecto observável é que, apesar da suposta descentralização que a internet proporciona, embates políticos no facebook tendem a polarizações. A lógica binária permanece onde, em tese, vozes múltiplas deveriam dar tônica à rede. Neste caso, as polaridades se dão entre feministas radicais e transfeministas, que repercutem na produção e disseminação de um discurso de ódio[106].

Confrontada pela controvérsia em que as narrativas se polarizam, observo que, diante do embate virtual, ao final, não há debate, não há construção, há apenas uma lógica em que se pretende "destruir"[107] o outro, para "ocupar" seu lugar. Poderia gastar muitas linhas aqui especulando as razões para que essas práticas aconteçam e ganhem força, mas trago essa imagem apenas como reflexão. Porque, independente do que faz um ou uma agir no facebook, estou instigada com a força que estes discursos são replicados e valorados, ganham aderência, tornam-se mais violentos e viram armas políticas.

McLuhan, em seu livro "Os meios de comunicação como extensões do homem", apresenta, logo no primeiro capítulo, a frase que viria a se tornar uma máxima dentro dos estudos de comunicação: "o meio é a mensagem" (1964).

[106] Importante notar que não apenas estes dois polos estão presentes nas atuais narrativas feministas, vale considerar que há vozes múltiplas que resistem a polarizações. Uma perspectiva interessante, do ponto de vista da multiplicidade, é aquela levantada pela teoria interseccional, que leva em conta não apenas as questões de gênero, mas também raciais, sociais, culturais, entre outras. O termo "feminismo interseccional" se revelou primeiramente a mim através de uma conversa informal com algumas das participantes da Marcha. Como a explicitação deste conceito foge do foco direto de nosso trabalho, utilizamos uma breve referência retirada da página da Wikipédia. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Interseccionalidade>

[107] Nota-se que destruir é diferente de DESconstruir, em que este segundo pode ter um efeito didático.

Com esta afirmação, o autor nos convida a pensar que o que comunica não é apenas um sentido descorporificado, mas uma *relação* entre o conteúdo da mensagem e o meio que a carrega. Talvez, mais do que considerar que o meio *determina* a mensagem, o que nos colocaria em outra problemática, interessante seria pensar o meio e a mensagem intimamente ligados, e que por isso, não devem ser analisados de forma isolada. McLuhan exemplifica essa tese quando fala que:

> [...] a 'mensagem' de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas. A estrada de ferro não introduziu movimento, transporte, roda ou caminhos na sociedade humana, mas acelerou e ampliou a escala das funções humanas anteriores, criando tipos de cidades, de trabalho e de lazer totalmente novos (Mcluhan, 1964, p. 22).

Se pudéssemos atualizar tal pensamento para os dias de hoje, fazendo os ajustes necessários, poderíamos nos arriscar a afirmar que a rede social do facebook atua, modifica, compõe nossa experiência subjetiva, social e cultural. Mesmo levando em consideração que nem todas as pessoas têm acesso ao facebook, e que algumas simplesmente optam por não fazer parte do mesmo, essas transformações, ainda assim, podem ser observadas. Poderíamos então afirmar que a comunidade contemporânea urbana é parte dessa experiência, mesmo quando estamos "fora" da rede, desconectados, offline. Nesse aspecto, poderíamos dizer que o ambiente tecnológico em que a rede do facebook se estrutura, reflete na maneira como nos socializamos também fora dela.

Por exemplo, as redes pressupõem descentralização, e pode-se observar que uma forte tendência da tecnologia virtual é romper com a cadeia institucionalizada da comunicação, ou seja, toda e qualquer pessoa passa a ser um potente produtor de conteúdo, com o advento da tecnologia online. O facebook reforça essa característica. Além da página pessoal, que funciona como uma espécie de blog e vitrine, há uma rede de conexões, (amigos, conhecidos, seguidores, etc), que são também público potente. Vale notar que

o termo "potente" está sendo utilizado aqui como pulsão, como possibilidade de, não como poder.

Sabemos também, através do conceito de redes sem escalas, apresentado por Barabasi e Bonabeau (2003), que as conexões na internet seguem um padrão em que "os ricos ficam mais ricos". Ou seja, diferente de uma ideia de distribuição democrática de conexões na rede, ocorre que poucos dos nós se conectam a milhares de outros (os hubs), enquanto a maior parte dos nós disponíveis na internet se conectam apenas a poucos outros. E, ainda com base na teoria destes autores, as pessoas tendem a se conectar a nós que já existem há mais tempo, que possuem mais conexões, que estão, de certa forma, estabelecidos. (Barabasi; Bonabeau, 2003)

Nas redes sociais também é possível identificar perfis que funcionam como hubs. São pessoas ou empresas que possuem um grande número de seguidores. Estes perfis têm um alcance relevante, pois além de seus seguidores ou inscritos, suas publicações também podem ser replicados por estes últimos, compartilhadas diretamente em suas *timelines*, ou simplesmente no ato de curti-las e comentá-las.

Ainda com base no estudo de Barabasi e Bonabeau, os nós mais antigos e já estabelecidos, como "Yahoo" ou "Google", tendem a um crescimento exponencial de conexões com um alcance impossível de ser dimensionado, por isso, *sem escalas*. Talvez assim também pudéssemos observar por que algumas publicações causam maior impacto na rede. Perfis que possuem mais seguidores, (hubs), estão de certa forma "estabelecidos", são curtidos e compartilhados pelo discurso que representam. Neste estudo, normalmente são representantes de discursos de identidade.

Fernando Gonçalves, em seu artigo sobre comunicação, cultura e arte contemporânea, observa que a cultura comunicacional atual "poderia ser caracterizada por um 'midiacentrismo', ou seja, um caráter fortemente veiculativo, onde os meios e a transmissibilidade tendem a constituir o fim dos

processos comunicacionais." (Gonçalves, 2007, p. 3). O que é instigante nessa análise é a observação de um empobrecimento da experiência física sobre a informação que está sendo trocada, em detrimento do próprio fluxo de troca, "a mensagem se apaga em favor da informação e em detrimento de sua qualidade de acontecimento, produzindo apenas uma reverberação de si mesma enquanto efeito de discurso". (Gonçalves, 2007, p. 3).

Sendo assim, os perfis que funcionam como hub ganham também *status* de representação identitária, com uma boa dose de *áurea mística*[108]. A liderança identitária mitificada, a polarização ideológica, a falta de reflexão sobre conteúdos compartilhados, levam o movimento do feminismo a uma cristalização e crise. Deixa de ser movimento, no sentido mesmo físico, pois impossibilita dissonâncias de emergir. Separa corpo de ideia, em que o discurso, como arma e estratégia de aderência, passa a ser mais valorizado que a experiência corporal, sensorial.

A produção de presença no corpo ativista virtual

Dentro da abordagem adotada neste trabalho, o corpo, ou sua ausência material, revela-se como ator na problemática apresentada. Interessante observar que o objeto fala de feminismos, que por si só traz uma carga corpórea e física impossível de ser deixada de lado. São dois aspectos físicos do corpo em evidência: o primeiro diz respeito à relação entre corpo biológico (matéria) e sujeito corporificado (identificação de gênero); o segundo diz respeito à relação entre corpo virtual (redes sociais), que dissemina discurso ideológico, e corpo presente (tudo que reverbera para fora do virtual), que é afetado por esse discurso, inclusive em sua violência.

Levando em consideração que o trabalho aqui apresentado não está em busca de uma resposta para uma pergunta feita de antemão, mas preocupa-se

[108] Não nos cabe aqui dissecar o sentido do conceito de místico, nos valendo apenas do senso comum, algo que foge de nossa experiência tátil, que não podemos explicar.

com o levantamento de problemas, irei acrescentar uma última reflexão, não para encerrar, mas para encaminhar novas discussões. Trata-se do conceito de "produção de presença" apresentado pelo autor Hans Ulrich Gumbrecht, uma vez que este conceito pode nos ajudar a "trazer de volta" o corpo em sua materialidade, nos debates virtuais que produzem (também) os feminismos.

Gumbrecht é um linguista alemão que ganhou grande espaço nos estudos de comunicação ao sintetizar, ao lado de outros autores, o termo "materialidades da comunicação". Segundo Gumbrecht, as "Materialidades da Comunicação" são "todos os fenômenos e condições que contribuem para a produção de sentido, sem serem, eles mesmos, sentido." (Gumbrecht, 2004, p.28). Neste aspecto, é possível identificar a relação entre a rede social do facebook e a produção de sentido nas narrativas contemporâneas do feminino (feminismos), como já comecei a desenvolver nos itens anteriores. O autor explica:

> [...] o campo não hermenêutico seria útil para desenvolver novas respostas à pergunta que havia estado no centro do paradigma das 'materialidades da comunicação', ou seja, a questão (talvez ingênua) de como (se é que de algum modo) a mídia e as materialidades de comunicação poderiam ter algum impacto sobre o sentido que transportavam. Só essa questão transcenderia a dimensão do metafísico, pois só ela abandonaria a límpida separação entre a materialidade e o sentido (Gumbrecht, 2004, p. 37).

A produção de sentido deixa de ser institucionalizada como algo exclusivo do pensamento, como uma hierarquia entre significado e significante, e passa a se apresentar na relação entre estes. Significado e significante estão contidos numa mesma expressão. Poderíamos pensar, assim, que a experiência do corpo-virtual e do corpo-presente se manifestam numa mesma expressão. Neste aspecto, não há como separar do contexto da disputa de narrativas online, as afetações que são sentidas no corpo de quem lê e recebe os comentários produzidos nos embates ideológicos.

No caso aqui apresentado, o evento produzido pela Marcha, após desgastante debate virtual que dividiu narrativas sobre o feminino em dois pólos extremos, acabou por escolher a perspectiva que iria "defender". No evento, a presença de feministas radicais se restringiu aos comentários online, (o evento estava sendo apresentado ao vivo, através da tecnologia de *streaming*). Ou, se lá estavam presentes de corpo físico, não se pronunciaram.

Por outro lado, flexibilizando a questão para além do evento físico, a perspectiva defendida pelas radicais exclui, em sua essência, corpos com históricos de opressões outras, como os das mulheres trans. Não me cabe aqui fazer julgamento ou interpretações, mas se estamos falando do corpo como materialidade e como agente de relações que se implicam na rede dos feminismos, temos que considerar também o corpo excluído. Seja excluído de um evento, ou de um discurso ideológico, o corpo permanecerá produzindo presença, pois está sempre em relação com outros corpos. Em relação com nosso próprio corpo.

Para explicar o conceito de "produção de presença", Gumbrecht traça uma comparação da etimologia da palavra "meta-física" (além do material), em contraponto com a etimologia das palavras "produção", (colocar à frente), e "presença", (como tudo que é tangível ao corpo). Neste aspecto, a presença se relaciona com o espaço, não com o tempo, e diz respeito ao material que está ao alcance de nossas mãos, enquanto meta-física está além do que podemos alcançar com nosso corpo. (Gumbrecht, 2004)

Um corpo virtualmente violentado é ainda um corpo físico violentado. Em sua sensorialidade, produz efeitos, traumas, medo, dor. Um discurso que reverbera a dor e o medo, fragmenta o corpo coletivo, em vez de fortalecê-lo. Isto tudo quando entende-se que, primeiramente, as mulheres lutam contra um mesmo inimigo comum. O corpo assim, separado de sua subjetividade, torna-se objetificado. Carrega frases, cartazes, discursos, mas não é capaz de perceber o outro (outra) que está na sua frente.

Na verdade, ainda inspirado em Gumbrecht, o humano moderno aproxima-se de uma entidade intelectual incorpórea, que tem como função observar o mundo a partir de faculdades exclusivamente cognitivas. Essa construção acaba por separar mente e corpo, de forma binária, e coloca o corpo junto com os outros objetos do mundo, um corpo descorporificado de sujeito.

O que me instiga é pensar que estamos diante de evidências sociais e culturais, como o próprio desenvolvimento da tecnologia, em que o mundo bipartidariamente dividido não dá conta dos fenômenos atuais. Não consegue, por exemplo, estabelecer narrativas para o feminismo contemporâneo, sem cair na polarização de extremos. Este que, em sua controvérsia, acaba por novamente dividir em narrativas aparentemente antagônicas: homem/mulher, certo/errado, sim/não, contra/a favor, radfem/transfem.

Considerações Finais

O trabalho aqui apresentado encontra-se em processo de construção, uma vez que entende os fenômenos abordados como movimentos ainda em processo. Tentou-se evidenciar, a partir de uma observação participante, quais são as controvérsias que surgem na produção contemporânea de narrativas sobre o feminino. Paralelo a isso, buscou-se fazer uma análise inicial, com levantamento de questões e cruzamento de ideias, da influência do desenvolvimento tecnológico nos modos de ver e dizer os fenômenos atuais. E, por fim, através da leitura de Gumbrecht, tateou-se caminhos possíveis para trazer a materialidade do corpo de volta à arena ideológica em que essas narrativas são disputadas.

Neste momento de meu percurso de doutorado, busco desenrolar algumas das controvérsias que demonstram o quanto que os fenômenos atuais são complexos e múltiplos. A problemática está presente no debate e nas práticas de coletivos e grupos ativistas, na fala e prática de militantes, e provavelmente está em mim. E, ainda, não está apenas nas lutas protagonizadas

pelas mulheres, mas parece esbarrar nos diversos grupos que buscam por representatividade de identidade. Coube a mim, como sujeito imbricado no objeto deste estudo, apenas tentar descrever essa problemática, pois reconheço que o debate é urgente.

Referências

BARABASI, Albert László; BONABEAU, Eric. **Redes sem escalas**. In: Scientific American. Brasil, Junho de 2003. P. 64-72.

BRAGA, Cintia Guedes. **Memória Sobrevivente.** In: Revista Lugar Comum/ Resistências Feministas, vol. 47, p. 8-19. Rio de Janeiro, junho de 2016.

GONÇALVES, Fernando. **Comunicação, cultura e arte contemporânea.** In: Contemporânea. Rio de Janeiro: UERJ, 2007.

GORINI, Paula. **A Rede da Dança***:* uma cartografia em movimento. 2012. 148 f. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

GUMBRECHT, Hans U. **Produção de Presença:** o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: PUC, 2004.

LAW, John. **Notes on the Theory of the Actor Network**: ordering, strategy and heterogeneity. CENTRE FOR SCIENCE STUDIES. Lancaster University, Reino Unido. 1992.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. **Reensamblar lo Social***:* una introducción a la teoría del actor-red. 1ª ed. Buenos Aires: Manantial, 2008.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (understanding media). São Paulo: Cultrix, 1964.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCOSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

Na Internet:
- Site do Documentário "Um beijo para Gabriela". Disponível em:
< http://umbeijoparagabriela.com/130328_guiaPT_dvd_miolo_web.pdf>

- Portal de notícias internacional Rio on Watch.
Disponível em: http://rioonwatch.org.br/?p=20425

- Blog que publicou nota de repúdio, @feminismoradicaldidático. Disponível em:

https://medium.com/@feminismoradicaldidatico/nota-de-rep%C3%BAdio-%C3%A0-marcha-das-vadias-rio-de-janeiro-2016-2041d3b83ea#.2ehm7zqd8

Facebook
- Marcha das Vadias Rio de Janeiro. Disponível em:
<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasRioDeJaneiro/?ref=ts&fref=ts>

- Evento "Turismo Sexual e Olimpíadas: quebrando tabus". Disponível em:
< https://www.facebook.com/events/1886240104936531/>

- Indique Uma Mina. Disponível em:
https://www.facebook.com/groups/517916125083086/

Wikipédia
- Marcha das Vadias. Disponível em:
< https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcha_das_Vadias>

- Interseccionalidade. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Interseccionalidade

Youtube
Vídeo que registra o debate "Turismo Sexual e Olimpíadas: quebrando tabus":
Parte 1: https://www.youtube.com/watch?v=6Dl4-jXs0WU&feature=youtu.be
Parte 2: https://www.youtube.com/watch?v=2uck_PIacks
Parte 3: https://www.youtube.com/watch?v=6Dl4-jXs0WU